

VÍTOR OLIVEIRA JORGE, JOSÉ M. COSTA MACEDO (Orgs.)

Crenças, Religiões e Poderes Dos Indivíduos às Sociabilidades



ANTROPOLOGIA

13

BIBLIOTECA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Edições
Afrontamento

Vitor Oliveira Jorge - José M. Costa Macedo

[Coords.]

CRENÇAS, RELIGIÕES E PODERES

Dos Indivíduos às Sociabilidades

Edições Afrontamento

Título Crenças. Religiões e Poderes: dos indivíduos às sociabilidades
Coords. Vítor Oliveira Jorge e José M. Costa Macedo
Imagem da Capa © 2008, Vítor Oliveira Jorge, José M. Costa Macedo e Edições Afrontamento
«Grand Place» (Bruxelas) de Joaquim Hierro
Edição Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt / geral@edicoesafrontamento.pt
Colecção Biblioteca das Ciências Sociais / Antropologia / 13
Nº de edição 1173
ISBN 978-972-36-0947-9
Depósito legal 272231/08
Execução gráfica Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt
Outubro de 2008

- 7 **Preâmbulo** ■ Vitor Oliveira Jorge e José M. Costa Macedo
- 11 **Opening lecture. Religion and power reconsidered** ■ James A. Beckford
- 21 1. Sá de Miranda: condições de descrever ■ Paulo Tunhas
- 37 2. Maimónides – racionalidade e originalidade de um pensamento religioso ■ J. M. Costa Macedo
- 51 3. Raízes religiosas do individualismo solidário de Richard Rorty ■ Aldir Araújo Carvalho Filho
- 65 4. A medialidade simbólica da imagem no mundo mítico-religioso ■ Joaquim Braga
- 75 5. Da crença da imagem do sujeito ao poder da sociabilidade das imagens contemporâneas: o prenúncio do fim da intimidade do homem ■ Paulo Alexandre e Castro
- 93 6. Os Saberes e a Fé, num *hoje* sem previsão ■ Hugo Monteiro
- 101 7. O poder da crença em Educação ■ Margarida Louro Felgueiras
- 109 8. The Anthropological Sense of Belief ■ Henrique Luís Gomes de Araújo
- 113 9. A família como núcleo de mudança cultural ■ Zaida Azeredo
- 121 10. Arqueologia dos sentimentos de mistério ■ Jaime Milheiro
- 127 11. O sacro e o profano na Sociedade da Informação ■ Celly de Brito Lima
- 133 12. Casa, poder e estruturas de intermediação religiosa. A vila de Arouca – um estudo de antropologia política ■ Fernando Matos Rodrigues
- 171 13. Do ateísmo ao laicismo: Artistas como pretexto, na RDA e depois ■ Jorge Freitas Branco
- 187 14. Crenças no campo cultural – em direcção ao politeísmo? ■ João Teixeira Lopes
- 193 15. Religião e cultura: espaços de sociabilidade dos imigrantes de leste ortodoxos ■ Helena Vilaça
- 201 16. Continuidade cultural e mudança social – poderes e religiosidades: um caso entre Portugal e a Índia ■ Ana Paula Fitas

207	17. O poder inquisitorial durante o Antigo Regime ■ Elvira Cunha de Azevedo Mea
219	18. A repressão do delito de solicitação pelo Santo Ofício na diocese do Porto (1551-1700) ■ Jaime Ricardo T. Gouveia
235	19. Os <i>Evangélicos</i> – representações de Si e do Outro na literatura protestante ■ António Manuel Silva e José António Afonso
257	20. Sociabilidades intelectuais: o caso dos círculos intelectuais católicos portugueses ■ Catarina Silva Nunes
269	21. Crença e acção política na I.ª República Portuguesa – o caso de Ângelo de Moraes ■ Maria Manuel Baptista
279	22. (Instru)mentalizar saberes. A arqueologia como novo plano de poder ■ Ana Cristina Martins
303	23. Algumas notas exploratórias de um tema em pano de fundo: arquitectura e poder difuso – a acção colectiva como forma de construção de sociabilidades em «comunidades da oralidade» ■ Vítor Oliveira Jorge
327	24. La Soberanía Indoeuropea. Perduraciones en el folclore del Noroeste Peninsular ■ Blanca Garcia Fernández-Albalát
347	25. O controlo da consciência e o poder: política e religião na afirmação do poder faraónico ■ Rogério Ferreira de Sousa
357	26. Guerras de pão e vinho em mosteiros medievais ■ Aires Gomes Fernandes
367	27. A representação de São Cristóvão na pintura mural portuguesa dos finais da Idade Média. Crença e <i>magia</i> ■ Lúcia Maria Cardoso Rosas
375	28. Espaços de poder na Festa do Corpo de Deus em Penafiel ■ Barbara Alge
385	29. Nicodemos e o Senhor de Matosinhos – emergências de um mito europeu? ■ Joel Cerqueira Cleto
393	30. Aspectos do ex-voto pictórico português ■ Carlos Nogueira
401	31. Vale Abraão: a ficcionalização do eu ■ António Preto
413	32. Messianismo no Sertão Pernambucano. O mítico e o sagrado no espaço humano ■ Simone Rosa de Oliveira
425	33. Reversed discrimination and the renegotiation of power in an African society ■ Ibangá B. Ikpe
439	34. Crenças e poder – do dever em não devir ■ Alice Valente Alves
447	Notas sobre os autores

Crença e acção política na I.^a República Portuguesa – o caso de Ângelo de Moraes

«Socialmente o Republicanismo corresponde, assim, a um processo de divulgação cultural, enquadrado por mecanismos como as sociedades secretas, os clubes e os comícios que acabavam por servir de meio de sociabilidade e de comunicação entre as massas e os chefes republicanos, os quais, (...) eram todos intelectuais. (...) A República significava iniciação em massa de toda a sociedade»

Rui Ramos, 1994

Poucos temas há na História portuguesa que continuem a suscitar tão viva polémica e funda emoção como a I República, seus antecedentes e objectivos, a tomada e o exercício do poder, as principais medidas e figuras, os seus resultados concretos aos mais diversos níveis e o clima de profunda mutação e instabilidade que ela instaurou em Portugal.

O presente estudo procura abordar esta temática, mas agora pelo prisma de uma geração de jovens e seus líderes que, na região do Porto, despertaram para a vida no clima social, político e cultural da I República. Muito particularmente ligados à criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde nos encontramos, a geração de que falo foi aquela que se acolheu, numa primeira fase, à sombra dos ensinamentos e da inspiração de Leonardo Coimbra. Neste grupo, de composição muito variável ao longo do tempo e heterogéneo na sua constituição, destacam-se nomes como José Sant'anna Dionísio, José Marinho e Delfim Santos, Álvaro Ribeiro, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, etc. Mais tarde, Santos Silva, Ângelo César e Teixeira de Pascoaes, entre outros, constituíram o grupo da Renascença Portuguesa (1912-1932) que haveria de criar a *Águia* (revista mensal com uma tiragem média de 1800 exemplares nos 120 números publicados entre 1912 e 1921), o quinzenário *Vida Portuguesa* (39 números entre 1912 e 1915), tendo publicado muitas

outras obras de índole vária (250 livros entre 1912 e 1924), entre diversas actividades culturais e pedagógicas.

Neste grupo muito heterogéneo em interesses e formação, uma figura se manteve até agora no mais absoluto e discreto silêncio, apesar da confusão e do barulho da época: trata-se do filósofo e engenheiro Ângelo de Moraes, figura deveras enigmática e polifacetada, produto do seu tempo, e cujo espólio começámos só muito recentemente a tratar. Do que até agora pudemos analisar, uma das principais inquietações deste discípulo de Leonardo Coimbra foi, em primeiro lugar, a questão metafísica e religiosa, que para ele era decisiva, sobretudo porque intimamente relacionada com a sua actividade cívica e política. Acompanhar o seu percurso existencial é também, em nossa opinião compreender as contradições, hesitações e iconoclastia próprias da geração que, tendo ainda nascido num algo arcaico século XIX, terá de dar resposta aos instantes desafios da modernidade europeia os quais, nos mais diversos níveis, se colocaram de forma premente e até dramática ao país no dealbar do século XX. Entre eles destacaremos aqui a questão, extremamente complexa e difícil, da articulação do poder e da religião, tal como se coloca a uma boa parte desta geração em geral, e a Ângelo de Moraes em particular.

1. ÂNGELO DE MORAIS: UM PERCURSO EXISTENCIAL BURGUESES E COSMOPOLITA

Ângelo Mendonça da Cunha Moraes nasceu a 19 de Fevereiro de 1897, em Luanda. Ainda de tenra idade viaja para Portugal com seus pais, Matilde da Cunha Moraes (senhora muito doente que veio a falecer em 1937) e Joaquim Júlio da Cunha Moraes (falecido em 1963). O seu irmão Augusto César (falecido em 1939) funda em Crestuma (concelho de Vila Nova de Gaia) uma fábrica, primeiro de balões e depois de fitas, contando para o efeito com a ajuda de um familiar, José Augusto de Moraes, fotógrafo de profissão e que havia permanecido em Luanda. Mais tarde, esta fábrica, cuja esplêndida construção se pode ainda hoje observar na margem do Rio Douro, A. C. da Cunha Moraes Lda, será gerida por Ângelo de Moraes, tornando-se uma empresa de fiação e tecelagem de dimensão assinalável.

Ângelo de Moraes tem cedo um destino traçado pelo pai e pelo tio: terá de ser engenheiro e gerir a fábrica. O tio não tem descendência e Ângelo só tem um irmão, poeta místico e nacionalista, que estudará Medicina em Coimbra e abrirá consultório médico no Porto, mas que vem a morrer novo de tuberculose («galopante», como se dizia na época), com cerca de 36 anos.

Por volta de 1911 dá-se aquele que talvez seja o encontro mais decisivo da vida de Ângelo de Moraes ao escutar, no Porto, pela primeira vez uma conferência de Leonardo Coimbra, do qual se tornou fervoroso discípulo e amigo.

Inicia então uma paixão nunca abandonada pela reflexão filosófica, tendo procurado convencer a família que era essa a formação académica que pretendia seguir e não uma formação técnica de engenharia. A família insiste na necessidade de formar um gestor e um técnico para a fábrica e, na sequência de acontecimentos relacionados com a sua opo-

sição ao governo sidonista (acabando mesmo por ser preso), é obrigado a completar os estudos em Barcelona. Em 1922 é já Engenheiro Industrial pela Escola de d'Engineers Industrials da Mancunidade da Catalunha. Paralelamente, e à revelia do tio e do pai, segue o curso filosófico ministrado por Eugénio d'Ors (a quem ia recomendado de Portugal por Leonardo Coimbra), chegando mesmo a tornar-se Monitor de Filosofia do Seminário do Instituto Catalão para a Alta Cultura.

De regresso a Portugal casa, em 1/7/1919 com Irma Campos, passa a frequentar a quinta da família desta (a Quinta do Tourago), situada precisamente em frente da quinta de Pascoaes em Amarante. Os contactos entre Leonardo Coimbra, Pascoaes e Ângelo de Morais tornam-se frequentes e naturais, nos frios serões de Inverno passados na quinta ou em longas permanências de Verão e visitas à vila da Lixa.

Em 1923 chega a tornar-se, por um breve período, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Entre 1930 e 1944 foi Presidente da Secção Algodoeira da Associação Industrial Portuense e, entre 1938 e 1944, desempenhou as funções de Vogal da Comissão Reguladora do Comércio do Algodão em Rama. Representa a Indústria Portuguesa do Algodão nos Congressos Internacionais de Barcelona, em 1924, e de Paris, em 1930.

Em 1932 voltará a ser preso acusado de contactos com «perigosos conspiradores» contra o regime. Libertado alguns meses depois por ordem do Ministro do Interior, não volta a ser incomodado pela PIDE e passa a ter uma relação até próxima com Salazar, de quem se torna conselheiro para assuntos ligados à indústria do algodão e ao comércio com as colónias. Vem mesmo a ser convidado, embora tenha declinado, para integrar a Câmara Corporativa do Estado Novo.

Ângelo de Morais morre em Crestuma, em 1968, após ter-se convertido ao cristianismo, já durante a década de 60, à semelhança do mestre Leonardo Coimbra e do grande amigo Ângelo César.

2. A FORMAÇÃO FILOSÓFICA E ADESÃO À MAÇONARIA

A formação filosófica de Ângelo de Morais era muitíssimo eclética e integrava obras e informações de origem muito diversa. Caldeado inicialmente numa mentalidade republicana e positivista, destinado a ser engenheiro técnico e simultaneamente gestor de uma grande empresa, o seu primeiro grande abalo existencial dá-se em contacto com Leonardo Coimbra e a sua obra: a partir daí não mais abandonará o criacionismo que procura conciliar com os seus conhecimentos matemáticos, científicos e técnicos, uma linha de investigação que o próprio Mestre também perseguirá. Bergson trar-lhe-á a possibilidade de criticar o positivismo (nunca efectivamente ultrapassado) pela via intuicionista: tratou-se efectivamente de uma fonte de inspiração, mas sempre caldeada por uma profunda exigência de racionalidade.

Do republicanismo herda uma mentalidade profundamente anticlerical, e ao mesmo tempo uma inquietação metafísica que se plasma numa fé quase inesgotável na Pátria e

que vai buscando soluções e respostas aos mais diversos campos do conhecimento: da ciência ao espiritismo (praticado como uma espécie de ciência experimental, como Leonardo Coimbra chegou a aceitar), dos rituais maçónicos (de que ainda há cartas no seu espólio) à experimentação técnica, da acção revolucionária da juventude até à procura de respostas numa vida eminentemente espiritual, encerrado na sua famosa biblioteca, de tudo um pouco experimentou Ângelo de Moraes. Finalmente parece ter encontrado alguma tranquilidade (se bem que provisória) na leitura do filósofo tomista Sertillanges, através da obra *Le Bien et Le Mal*, a qual, de acordo com o seu confessor e director espiritual da década de 60, teve um impacto decisivo na sua evolução religiosa.

A sua biblioteca filosófica, lendária já nos anos 20, vem referida por Sant'anna Dionísio no *Guia de Portugal*, nos seguintes termos: «Ao centro do apinhado destaca-se a grande fábrica de fiação e tecelagem dos Cunha Moraes. (...) É uma vivenda de impressionante aspecto, rodeada de um belo arvoredor. Foi visitada algumas vezes por Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes, amigos dos irmãos Álvaro e Ângelo de Moraes, o primeiro poeta (de morte prematura) e o segundo possuidor de uma biblioteca filosófica valiosa. Raul Proença algumas vezes foi recebido nessa casa» (pp. 468-469).

Efectivamente esta biblioteca, que ainda hoje existe, é absolutamente extraordinária e revela bem a mundivisão de Ângelo de Moraes: muitíssimo viajado, principalmente por Espanha, França, Itália, Inglaterra e Bélgica, tinha uma espécie de «conta aberta» em livrarias francesas e inglesas, importando tudo o que de novo ia sendo publicado nesses países, recebendo constantemente encomendas de livros e revistas, mas também solicitando livros de que tinha notícia directa ou indirecta. Para além disso, possuía praticamente tudo o que desde os anos 20 e 30 se publicou em Portugal ao nível quer da literatura quer da filosofia, mas também nas áreas económica, comercial e técnica. Lia muitíssimo: tudo ou praticamente tudo o que recebia, sem critério predeterminado, mas com uma curiosidade insaciável. A gnoseologia e particularmente a epistemologia eram áreas da sua predilecção pois colocava uma grande esperança na possibilidade de articulação dos vários domínios do conhecimento: investigar o modo como o conhecimento se constrói nas ciências naturais e físicas e compreender como podem outras áreas mais complexas, porque humanas, encontrar através do símbolo e da intuição a certeza de um Grande Arquitecto do Universo, é o objectivo que parece transparecer nas muitíssimas páginas de pesquisa, síntese e comentário aos inúmeros livros que leu.

Ângelo de Moraes publicou pouco: no final da sua vida registava como «trabalhos literários» os seguintes:

«Ensaio de filosofia publicados na revista portuguesa *A Águia* e nas *Revista del Rio de la Plata* (Argentina), dirigida por Pedro e *La Revista* (Barcelona), dirigida por López-Picó». Para além disso, publicará um ensaio sobre Leonardo Coimbra, o seu eterno mestre, no volume do *In Memoria, Leonardo Coimbra, Testemunhos dos seus Contemporâneos* (1950). Num documento que se encontra no seu espólio escreve pelo seu próprio punho os assuntos que mais o interessam «além dos de ordem profissional»: «Ciências físico-

-naturais, literatura e filosofia (especialmente filosofia da cultura)». Não admira por isso que este multifacetado intelectual republicano fosse simultaneamente membro do Centro de Estudos Matemáticos e da Societé Française de Philosophie.

3. A ACTIVIDADE POLÍTICA E REVOLUÇÃO CARBONÁRIA

Já em pleno Estado Novo, Ângelo de Moraes ainda se considerava «republicano de esquerda», embora tivesse o cuidado de acrescentar, «actualmente sem filiação partidária» (cf. documento integrante do espólio de Ângelo de Moraes).

Tendo precocemente iniciado a sua participação na vida política activa, Ângelo de Moraes foi um dos organizadores da Associação Académica do Porto e da Liga da Mocidade Republicana.

Pouco se sabe ainda de como terá chegado a um eventual contacto com actividades próximas dos carbonários. Porém, em 18 de Agosto de 1927, do cadastro de Ângelo de Moraes, mais tarde transcrito para os registos da PIDE, consta o seguinte: «O epigrafado é conhecido elemento revolucionário e fabricante de bombas (...»); em 18 de Junho de 1928 é descrito como «(...) gerente de uma oficina de fundição em Mafamude. Foi nesta oficina de fundição que foram encontrados invólucros para bombas, invólucros estes que foram fabricados em Vouzela e Barcelos pelo bombista António José Chicharo, preso à ordem desta Polícia, tendo-lhe sido apreendidos nos armazéns Abecassis as noventa bombas» (Arquivo PIDE/DGS, Del. Porto, PI 16-108).

Em Junho de 1932 Ângelo de Moraes foi preso por ter «ido a Vigo conferenciar com o Dr. José Domingues dos Santos» e em Julho desse mesmo ano é acusado de ser «agente de ligação de emigrados políticos para, por meio de movimentos revolucionários derrubar a Ditadura». De novo a PIDE o descreve como «(...) um conhecido revolucionário e fabricante de bombas, que tem desenvolvido uma extraordinária actividade contra a Situação», propondo quatro meses de prisão apenas, pois «o ter andado fugido à actuação da Polícia durante alguns anos representa já uma pena» (Arquivo PIDE/DGS, Del. Porto, Cad. 695). O Ministro do Interior concorda, mas fixa-lhe residência fora do distrito do Porto (em Viseu), pena que é reforçada pela opinião da PIDE para quem o cadastro de Ângelo de Moraes «é sobejamente elucidativo e não consta a esta Polícia que ele se tenha regenerado» (28 de Junho de 1932).

Não foi, porém, a primeira vez que Ângelo de Moraes esteve preso. Partidário do governo de Afonso Costa conspirou, tal como Leonardo Coimbra, contra o sidonismo. Foi, igualmente, preso em 1917, acusado de «complot» político. Os jornais da época falam de prisões diversas e de investigações junto do mestre e de dois operários da fundição de Crestuma, «onde foram apreendidos os moldes de invólucros de bombas»¹.

(1) Preso também o 1.º Sargento Fernandes, o Alferes Fernandes, ambos de Artilharia 6, diversos Sargentos e o empregado comercial António dos Santos. Entretanto, outros presos deste mesmo «complot»

De acordo ainda com os jornais, a polícia tinha em seu poder a lista das pessoas envolvidas na conspiração e aquelas que haviam de ser assassinadas ao rebentar da conspiração, bem como a lista daqueles que financiavam o movimento.

Entretanto, os jornais sublinhavam de novo a actividade bombista: «Em diversos pontos da cidade e de Gaia foram apreendidas muitas bombas explosivas. Algumas dessas bombas, por indicação de um dos presos, foram encontradas num jazigo do cemitério do Prado do Repouso; outras debaixo da cama de um picheleiro; e outras numa casa de um bairro operário às Antas. Segundo se diz, as mulheres envolvidas no caso eram encarregadas da troca de correspondência e da condução de bombas».

Com já quase 60 anos e uma forte sintonia e até ligação pessoal a Salazar, sobretudo no que respeita à forma como este entendia o papel central das colónias na economia nacional e eivado ainda de um fundo patriotismo nacionalista arreigado num precoce republicanismo que acaba por coincidir com alguns aspectos do regime do Estado Novo, Ângelo de Moraes continua a ser vigiado, à distância, pela PIDE, embora não mais seja preso. Em relatório de 27 de Janeiro de 1955 o agente Manuel Alves dos Santos comunica superiormente que, «de Paris, foram enviadas várias encomendas registadas, contendo livros proibidos de circular no País, e endereçadas a um indivíduo de nome Ângelo de Moraes – Crestuma – Vila Nova de Gaia» (Arquivo PIDE/DGS, Del. Porto, PI 16-108).

Em 1949 era sócio da Fundação Abel Salazar, em 1953 envolvera-se já na Comissão Eleitoral da Oposição Democrática do Porto e em 1955 encontramo-lo ligado ao grupo que, sob a direcção de Mário Cal Brandão, reunia de forma «muito suspeita», no escritório deste, na Rua Rodrigues Sampaio, preparando a candidatura de Humberto Delgado. O grupo era constituído pelos seus amigos de sempre: Artur dos Santos Silva (filho),

queixam-se de maus-tratos ao governador civil. Entre eles, Ângelo de Moraes faz publicar no jornal a seguinte carta que enviara ao Governador Civil:

«Aljube do Porto, 15-5-1917

Ilmo. e Exmo Sr.:

Tendo lido nos jornais do Porto uma nota oficiosa em que V. Exa. desmente as atoardas de maus tratos infligidos aos presos políticos que V. Exa. diz ter ouvido por duas vezes, e sendo certo que V. Exa. se esqueceu de me ouvir sobre o assunto, peço-lhe o favor de o fazer ou de tomar conhecimento do seguinte:

- 1 – Que durante o meu interrogatório, que durou horas, fui violentamente agredido a cavalo marinho pelos sargentos Barros e Barbosa, que me dirigiram os maiores insultos;
- 2 – Que tenho conhecimento que de igual maneira se procedeu com o meu camarada e amigo Paiva Manso.

Estou certo que V. Exa. procederá como convém à sua honra e como desejo tornar estes factos do domínio público, cumpre-me, por lealdade, informá-lo do meu intento.

De V. Exa., Ângelo de Moraes»

Para além de Ângelo de Moraes e do camarada e amigo Paiva Manso e mulher foram ainda nesta altura presos, entre outros, o Coronel Leal de Magalhães, o dr. Santos Silva, António Tavares da Fonseca, Francisco Amaral, Agonia Vieira, Militão Barbedo, António da Rocha Raphael, José Pinto de Miranda, Acácio Assis de Carvalho, Joaquim Vieira de Faria, Maria da Conceição de Faria, António Brandão, José Cardoso Teixeira, Aníbal Barbosa Cardoso, José Lopes de Oliveira e Joaquim Moreira Pinto.

Eduardo Ralha, Veiga Pires, Oliveira Valença, António Machado, etc. Tudo indica que se tratava de uma reunião maçónica, de acordo com as descrições do Agente da PIDE que os vigiava.

4. A CONVERSÃO RELIGIOSA DE UM ICONOCLASTA OU PORTUGAL COMO ÚLTIMO OBJECTO DE DEVOÇÃO MÍSTICA E RELIGIOSA

Como julgamos ter deixado claro, esta discreta figura da I.^a (e já II.^a) República constitui um interessantíssimo exemplo do retrato cultural (ideológico, político e social) de toda uma geração caldeada no nosso primeiro republicanismo: marcado pelas propostas revolucionárias da Carbonária, nutrindo um quase instintivo anticlericalismo (que era sobretudo desprezo pelo provincianismo e falta de inteligência do clero português, manipulador do povo analfabeto e crente), da Maçonaria vem-lhe a fé absoluta na construção do homem por si próprio, qual pedreiro de si mesmo e da nação. Iluminista por funda convicção e já positivista pela sua formação técnica, não abandona nunca um profundo misticismo de pendor oculto e poético. Sempre com o seu próprio destino pessoal, mas também com o da nação, cultivou uma cidadania discreta mas muito efectiva: temos boas razões para crer que usou a sua confortável fortuna em grande medida para financiar acções revolucionárias e conspirativas diversas (no país e no estrangeiro – sobretudo junto dos exilados em Paris), mas também financiando a Renascença Portuguesa e a própria *Águia*. A sua casa em Crestuma, a quinta da Estrela (suficientemente perto do Porto, mas afastada dos grandes centros – belíssimo edifício de arquitectura industrial, de jardins incomparavelmente belos e bem tratados, que hoje se encontram ao abandono e em ruína²) constituiu em diversos momentos o centro nevrálgico de reuniões (muito provavelmente também de teor maçónico) e conspirações do grupo de oposicionistas, primeiro ao sidonismo e depois à ditadura militar que abrirá as portas ao Estado Novo.

A conversão de Ângelo de Morais já no final da sua vida, para além de poder ser compreendida como um caso de «contágio geracional» a começar pelo próprio Mestre, Leonardo Coimbra, não representa em nosso entender mais do que um episódio nas suas múltiplas experimentações em busca de um sentido para a vida. Não por acaso o autor que mais acaba por o impressionar é tomista: a sua adesão à verdade cristã faz-se pela via racional, pelo estudo aturado e pela incansável leitura.

Destas múltiplas contradições, irresolúveis e abertas ao que hoje nos parece intrinsecamente incompatível, se fez a vida de Ângelo de Morais e muita da cultura das elites da nossa I.^a República (uma boa parte das quais da cidade do Porto e com uma história ligada

(2) O edifício maior e os jardins foram projectados pelo tio de Ângelo de Morais, Augusto César, fundador da fábrica, que habitou essa casa. Já Ângelo de Morais viveu na Quinta da Estrela num edifício originalmente destinado à fábrica de balões, que antecedeu a fundação da fábrica de tecelagem e fiação, e que vem a adaptar para sua habitação própria.

- _____ (2003). *Ontologia Integral de Leonardo Coimbra – Ensaio sobre a Intuição do Ser e a Visão Enigmática*, Lisboa, INCM.
- RAMOS, Rui (1994), «A Segunda Fundação (1890-1926)», *História de Portugal*, vol. VI, José Mattoso (dir.), Lisboa, Círculo de Leitores.
- REAL, Isabel Corte (2003), *100 Anos de Parlamento (1903-2003)*, Lisboa, Assembleia da República.
- TELO, António José (1977), *O Sidonismo e o Movimento Operário Português*, Lisboa, Ulmeiro.
- VIDIGAL, Luís (1988), *Cidadania, Caciquismo e Poder – Portugal 1890-1916*, Lisboa, Livros Horizonte.